



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

CAPOEIRA COMO EXERCÍCIO CORPORAL PARA A POTÊNCIA ARTÍSTICA

Luciana Baptista Carabajal,
Sara Pereira de Campos,
Ágata Schervenski Tejada,
Carlos Roberto Mödinger

Eixo Temático: 2. Docência e formação de professores

Fontes de Financiamento: Este trabalho contou com financiamento da Capes, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, referente ao Edital CAPES/DEB 061/2017.

Capoeira como exercício corporal para a potência artística

O projeto Capoeira como exercício corporal para a potência artística pretende oferecer vivências no âmbito teatral com foco corporal dos alunos e na prática docente das pibidianas Luciana Baptista Carabajal e Sara Pereira de Campos enquanto formação de professoras de Teatro. É interessante refletir que, quando falamos em exercícios para o aluno/ator, em termos técnicos, logo nos remetemos aos estudos e parâmetros Europeus, no caso, grandes nomes do Teatro, como Stanislavski, Eugenio Barba, Grotowski, Meyerhold entre outros. Com certeza esses pesquisadores foram aprender em diferentes fontes para assim criar seus métodos de treinamento para o ator ocidental e sociocultural e fisiológico do ser humano numa situação de representação. Pensar em um conjunto de regras artísticas do teatro nos fez perceber que essa manifestação se apresenta como privilegiada para a democratização das linguagens da arte, toda sua estrutura, bem como suas próprias técnicas, são formadas por concepções e epistemologias que as vinculam a um universo cultural particular. Esse projeto pretende refletir sobre essas questões culturais, propondo um alargamento teórico/conceitual sobre a Capoeira, que é a Arte Marcial Brasileira que através dos seus gingados, apresenta golpes de ataque e defesa, e é a grande expressão da cultura popular brasileira, nascida da ânsia de liberdade dos escravos no período colonial do Brasil.



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

Com essa intenção, trataremos a capoeira, não apenas como um elemento potencial para o treinamento do aluno/ator, mas como um lugar/momento em que a potência artística do corpo pode ser observada, considerando parâmetros estabelecidos pela Antropologia Teatral e Pedagogia Teatral. Este projeto é resultado de uma inquietação e de uma práxis, o fato de sermos professoras artistas nos impulsionou a fazermos perguntas que nós mesmas não podíamos responder. Mas que nos impulsionaram a ir cada vez mais longe nessas questões. Sentimos a necessidade de ter um papel mais ativo na condução da nossa prática teatral, nossa prática docente e uma especificidade que fornecesse uma unidade ao nosso trabalho. Foi quando conhecemos, as aulas práticas da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, durante o primeiro semestre em 2014: Improvisação e Análise do Movimento em Teatro I e Improvisação e Trabalho Vocal I, sendo eles apresentados pelos professores, por meio dos ensinamentos de Eugenio Barba, Grotowski, Meyerhold entre outros. A partir dessas aulas começamos a pensar sobre o exercício como prática cotidiana, buscando elementos teóricos em torno do trabalho do ator. Com o tempo fomos percebendo que faltava algo. E quando percebemos as informações que nos eram próprias, surgiu a Capoeira. Queríamos uma prática com a qual pudéssemos aproximar a cultura brasileira e ao mesmo tempo favorecer a expressividade corpo-vocal do ator. – Como praticante de Capoeira a mais de dez anos, considero uma experiência bem sucedida no treinamento da Capoeira, porque muito da compreensão corporal e sobre as potencialidades existentes no meu corpo, hoje, se deve a esta prática – (Luciana Baptista Carabajal, 2017). Utilizando práticas da capoeira como impulsionadores corporais e auxiliando o trabalho de reflexão sobre si corporalmente, trataremos as duas artes como um elemento potencial para o desenvolvimento dos alunos. A partir desta disposição pretende-se chegar à constatação de resultados, no que diz respeito ao desenvolvimento da auto expressão, da flexibilidade, atenção, vitalidade e a reflexões pedagógicas instigadas na formação e docência.

O que seriam então os exercícios corporais em relação ao trabalho do aluno? Eugênio Barba, e tantos outros pesquisadores do Teatro já discorreram a respeito, explicando como se pode exercitar o aluno/ator e qual a importância das variações de acordo com o tipo de trabalho que se pretende desenvolver. No presente caso pretendemos discorrer a respeito dos exercícios sistematizados a partir da arte marcial brasileira, a Capoeira, para



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

alunos do ensino fundamental das escolas públicas. O ato de exercitar, nesse caso, diz respeito à melhora do condicionamento físico e da flexibilidade, à apropriação dos movimentos de defesa e de ataque e da prontidão, a fim de usar o movimento mais adequado às circunstâncias. As exigências são a apropriação de técnicas de modo que a execução delas envolva o corpo todo no tempo certo, como um contragolpe ou uma defesa no momento apropriado para afastar um ataque. Mas o que tudo isso diz respeito ao aluno/ator? Quando se pretende exercitar o aluno/ator foca-se em procedimentos que preparem o corpo, deixando-o disponível e pronto para o trabalho cênico e, inclusive, contribuindo para a ampliação de seu repertório técnico e artístico. O aluno/ator em cena precisa estar munido de técnicas e informações que o tirem do estado cotidiano e preparem seu corpo para o estado cênico.

Eugênio Barba dispõe acerca da transposição do estado cotidiano para o cênico por meio do aprendizado de técnicas que trabalhem o equilíbrio, a oposição dos impulsos e a energia envolvida na realização de um movimento. O que abordamos aqui é a transposição do corpo cotidiano para um corpo cênico por meio das técnicas e princípios da Capoeira. O projeto tem o objetivo de investigar na capoeira o uso técnico e simbólico dos elementos que possam enriquecer o corpo expressivo no ator/aluno. Esta proposta funde dois campos teóricos distintos: a Capoeira e o Teatro, tendo a Antropologia Teatral, como elo unificador. A averiguação desta proposição se fundamenta na Antropologia Teatral, através de uma das obras de Eugenio Barba - *A Arte Secreta do Ator* (1995), e nos ensinamentos teóricos e práticos de *Nestor Capoeira* (2002) e outros autores também de fundamental importância, que serão citados ao longo da proposição. Para seu desenvolvimento foi realizado um levantamento bibliográfico e documental de fontes primárias e secundárias. Na primeira etapa, este levantamento teve como objetivo a fundamentação teórica do estudo. A segunda parte iniciou com o primeiro trabalho de campo que foi realizado com alunos do Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ivo Bühler – Ciep de Montenegro/RS, onde as licenciadas Luciana e Sara, ambas integrantes do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), foram responsáveis pelo projeto que teve início no primeiro semestre do ano de 2016. Foram ministrados encontros semanais, de uma hora e cinquenta minutos, totalizando oito meses de aulas, para uma turma de quinto ano do Ensino



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

Fundamental. A faixa etária dos alunos envolvidos era entre dez a doze anos. Construímos nossa primeira experiência vivida exercendo a oficina pelo subprojeto Pibid/Uergs/Teatro: Teatro/Capoeira – C.A.P.O.A.R.T.E, propiciando práticas inspiradas na capoeira relacionadas ao corpo, cuidado de si, percepção, atenção, improvisação, musicalidade e dramaturgias brasileiras. O projeto foi a oportunidade para potencializar artisticamente o corpo do aluno, para fins de criação teatral, proporcionando às pibidianas uma reflexão sobre o fazer teatral enquanto docente. Usando os jogos e os conhecimentos utilizados nas práticas da capoeira e do teatro foi possível, conjuntamente, construir uma cena, *O ABC da Capoeira*, inspirada na literatura de cordel do Mestre Pastinha que conta a história da capoeira relacionando-a com a história do Brasil, dando ênfase a uma parte ativa, dinâmica e ainda pouco reconhecida de nossa cultura popular e afro-brasileira. Ao decorrer das oficinas houve dúvidas e surpresas que nos impulsionaram a prosseguir, como professoras-artistas, usamos da realidade acadêmica relacionada ao cotidiano escolar para prover compreensão dos saberes apresentados. O resultado foi a apresentação da turma para a comunidade escolar na festividade de encerramento do Projeto Pibid/Uergs/Teatro, em novembro de 2016, na própria escola. Ao término, foi visível, comparado às primeiras aulas, que a turma superou seus limites e juntos os alunos puderam demonstrar sua auto expressão, flexibilidade, atenção e vitalidade.

Desta forma fomos pesquisadoras de uma experiência empírica através do contínuo ensinamento da capoeira em um treinamento diferenciado, onde foram selecionados um conjunto de elementos e critérios de exploração de equilíbrio, oposição e possibilidades de dilatação. Para registro foram utilizados relatórios escritos, de todos os participantes e registros de áudio e fotografias, mediante autorização da escola e dos pais dos alunos envolvidos no laboratório de treinamento do ator/aluno, a fim de criarmos em conjunto um projeto que será oficialmente documentado e registrado para futuros estudos acadêmicos. Os resultados dessa primeira fase do nosso projeto foram satisfatórias, pois veio ao encontro dos nossos objetivos que eram oferecer vivências no âmbito teatral com foco corporal dos alunos e na prática docente. Com o início do ano letivo de 2017 decidimos continuar com o projeto Teatro/Capoeira, porém com a mudança do projeto Pibid/Uergs/Teatro para a Escola Estadual de Ensino Fundamental Coronel Álvaro de Moraes, também em Montenegro, onde



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

nos deparamos com outra realidade, encontramos um novo desafio: perceber essa realidade e nos adaptarmos a ela. Após observações em diferentes turmas, optamos pela turma 801, certas dessa decisão, caberia a nós pensarmos sobre o aprimoramento dos exercícios, porque na faixa etária os alunos do oitavo ano são mais velhos do que o quinto ano da escola Ciep. Eles são adolescentes, a realidade econômica é diferente, o foco será corporal, vocal e dramático, ou seja, buscamos atualizar o Projeto para essa nova realidade. Então, fomos conversar com a Supervisora Ágata Tejada - responsável pelo Pibid na Escola Coronel Álvaro de Moraes - para vermos os horários e como funcionaria nosso projeto dentro do tempo que a turma possuía nas aulas de Artes. As aulas são às terças-feiras, no horário das 10h e 20min até as 12h, e o restante do tempo é usado para nossas escritas, planejamentos e o convívio com outras professoras e alunos de outras turmas. As questões sobre avaliações como participação, práticas e escritas de textos livres que os alunos produzem ao longo das aulas são apreciadas por todos em conversas no final de cada aula. A parte que segue é um relato que publicamos em nossos blogs para constar a indignação e o descaso com o Teatro enquanto escola pelas autoridades responsáveis pela cultura do município de Montenegro. A questão maior da Escola Álvaro de Moraes é o espaço, infelizmente não há local específico para o Teatro, nem uma sala que se adeque. A própria sala de aula da turma 801 é pequena. Não há local coberto no pátio. Existe o saguão, porém fica no meio da escola, entre as salas de aula, a escola tem um formato da letra U. Embora a professora Ágata diga que poderíamos realizar nossas aulas neste local, pensávamos que nossas aulas práticas poderiam atrapalhar a concentração e o desempenho das outras turmas. Porque, querendo ou não, as aulas de teatro chamam a atenção e possuem alguns jogos teatrais que são competitivos, com jogos que os alunos acabam falando em voz alta. Foi então que pensamos na Estação Cultura, local próprio relacionado à cultura em Montenegro, que fica a meia quadra da escola e teria espaço para nossas oficinas. Então fomos atrás das informações que precisávamos para conseguir o espaço. “Chegamos à escola Álvaro, e Ágata nos aguardava com o ofício em mãos, para que fossemos à Estação com o propósito de conseguir um local adequado para o nosso projeto. Pegamos o ofício e fomos, certas de que uma boa apresentação e uma conversa simpática resolveria nosso caso. Chegando lá fomos entrando, perguntamos ao guarda com quem deveríamos falar sobre questões de uso ou pedido de salas, e ele nos orientou a entrar e falar com Marcelo, o Diretor da Estação nessa gestão. Estávamos entusiasmadas com



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

essa possibilidade. Chegando à sala requerida, Marcelo estava sentado, trabalhando em seu celular. Bom dia dissemos, - Bom dia (novamente) Ele nos olhou e perguntou no que poderia ajudar: entramos e começamos a falar sobre o assunto, entregamos o ofício de apresentação e intenção de nossa visita naquela manhã. Marcelo leu, e foi fazendo caras e bocas, colocou a mão no queixo, pensou. Perguntou à moça que estava na outra mesa, se ela tinha o calendário, voltou olhou de novo, olhou para nós, e disse que teria que ir para a pauta, uma reunião que aconteceria somente uma semana depois. Olhou novamente para a carta e perguntou: Isso é toda terça-feira nesse horário? Sim, respondemos. E foi então que Marcelo começou a perguntar tudo de novo, o que já estava escrito no papel e nós, com toda a paciência do mundo, respondíamos. Voltamos para a escola com a incerteza e um pouco frustradas! Nas semanas que viriam descobrimos que Marcelo não conseguiu êxito na reunião com a diretoria da Estação Cultura, ficamos sabendo que o impasse se deu pelo simples fato da Estação ser do Município de Montenegro e a Escola Álvaro de Moraes ser do Estado, isso foi uma das negativas, o tempo da Oficina que seria muito longo, um semestre inteiro! (Embora as aulas fossem só as terças-feiras em um horário que normalmente não teríamos concorrência), mas enfim, o caso é que nos foi negado o direito de ocupar uma sala onde, a princípio, é um Espaço de Cultura. Tudo bem, ficamos tristes, ficamos indignadas, mas nada que nos abale com força! Vamos em frente, teremos que nos adaptar a esse novo espaço escolar que não possui um local adequado, mas que teremos que resolver. Pensamos que o pátio seria nosso espaço e, em dias de chuva o Saguão, talvez a sala de aula, mas teríamos que tirar as classes e as cadeiras, enfim uma luta por um bem maior! Foco: o Teatro não vai parar!” E percebemos que a maioria das escolas não possui esse espaço adequado para a realização do teatro. Por esse motivo optamos por fazer teatro de rua com a turma 801, visto que o único local da escola disponível é o pátio.

Voltando às descrições que envolvem os alunos observamos que adolescentes do oitavo ano, com idades entre 14 e 15 anos, sentem vergonha de si em relação aos outros e neste impasse os jogos corporais nos auxiliam a trabalhar essas dificuldades, ainda contamos com referenciais baseados em Nestor Capoeira, Mestre Pastinha, Eugênio Barba, Augusto Boal e alguns exercícios dos sistemas do *Viewpoints* (técnicas de improvisações que surgiram a partir da dança pós-moderna) para que assim fosse possível estimulá-los cada vez mais nessa descoberta corporal e conscientização de si.

A partir de observações na Escola Estadual de Ensino Fundamental Coronel Álvaro de Moraes, em Montenegro, através do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), foi possível determinar a turma de oitavo ano para que pudéssemos realizar oficina semanalmente, com duração aproximada de 1h 40min. A aula preliminar com a turma 801 em 04 de julho de 2017, foi teórica, por meio de recursos áudio visuais demonstramos aos alunos o resultado do projeto similar de 2016 que ocorrera no Colégio Estadual Ivo Bühler-



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

Ciep. Pensamos que, se a turma 801 conhecesse primeiramente o nosso trabalho eles teriam a ideia de como se realizaria o projeto. Apresentamos *slides* e vídeos sobre o Projeto do ano 2016 demonstrando um pouco sobre Teatro de rua, como exemplo, o Grupo *Tribo de atadores ôi nós aqui traveiz* (Porto Alegre), Pina Baush (coreógrafa alemã de renome internacional, criadora da Dança-teatro) e Teatro de sombras. Também falamos sobre o texto de Ariano Suassuna – *O Auto da Compadecida* – nosso objetivo artístico para apreciação dos alunos, professores e comunidade ao final do ano. Conversamos com a turma sobre os objetivos, procedimentos/metodologias, as avaliações, o processo e, teoricamente, o resultado final. Sobre a Capoeira apresentamos vídeos históricos que mostravam sobre a arte marcial criada pelos escravos negros do Brasil, com o objetivo de defesa contra seus senhores, acompanhada de toques e gingas que conferem a esta cultura características da dança, com movimentos suaves, circulares, uso do quadril e base estável. Descrevemos um pouco da nossa trajetória acadêmica, sobre experiências anteriores na docência, e pessoal em relação ao Teatro. Enfatizamos sobre a importância e a seriedade que damos ao projeto, e que eles devem levar em consideração nossos objetivos em relação à turma. A Supervisora Ágata Tejada ficou satisfeita com a nossa aula inaugural!

No segundo encontro, em 11 de julho de 2017, realizamos jogos teatrais com base em improvisações e as primeiras noções de Capoeira como os movimentos dos Animais: caranguejo, aranha e a base da capoeira: a ginga, dividimo-nos em dois grupos para que todos pudessem aproveitar as orientações. Os alunos foram receptivos, brincamos, aprendemos, nos divertimos, Teatro é conhecimento de si e em relação ao outro.

No dia 18 de julho encerrava o trimestre, o recesso de inverno, por causa do tempo rigoroso, nesse dia, tivemos que fazer a prática em sala de aula, arredamos cadeiras e classes. Realizamos Jogos teatrais que possibilitassem o trabalho em grupo, como improvisações com temas sugeridos pelas pibidianas e com livre criação dos alunos. Essas propostas nortearam a manhã fria. Em 01 de agosto de 2017 retornamos as atividades com o projeto, e foram apresentados exercícios específicos da Capoeira, baseados no livro *Capoeira – Pequeno Manual do jogador – Nestor Capoeira (2002)*. Chamamos esse exercício de “*Os animais*”, pedimos aos alunos que mentalizassem um animal de quatro patas (gato, cachorro, lobo, onça, tigre etc.), os alunos começam a se movimentar por todo o espaço da sala ou da



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

quadra de esportes, porém com um tamanho delimitado pelas professoras e jamais deveriam tocar os joelhos no chão. Observávamos a dificuldade de alguns alunos que não queriam realizar o exercício porque teriam contato com o chão, as desculpas eram variadas: *a roupa vai sujar; minha mãe me mata se eu chegar em casa sujo; não posso fazer porque estou com dor na mão; estou com preguiça hoje; acho chato esse exercício etc.* Dificuldades que surgiram quando realizávamos as propostas de movimentar o corpo, refletindo sobre a geração dos celulares. No início, caminhavam individualmente conhecendo o seu próprio corpo e como ele se adaptaria a essa nova realidade, ao sinal “*Dois animais se encontram*” os alunos deveriam circular ao redor um do outro, trocar improvisações com o próprio corpo e em relação ao corpo do colega. Outro sinal “*Túnel*”, um deles passaria por um buraco formado pelo corpo do outro. Outro sinal “*Árvores e Animais*”, entre as duplas, um deveria ser o animal e o outro seria a árvore. As árvores estariam em pé, alongadas, movendo seus braços como galhos com o vento, os animais se deslocariam de quatro até as árvores e passariam pelos túneis formados por elas. Último sinal: “*Improvisação em pé*”: Estavam desenhados no chão com giz, círculos de mais ou menos dois metros de diâmetro. A ideia seria, em cada círculo, dois alunos que deveriam se movimentar como animais ou árvores primeiramente, e aos poucos e conforme a situação iriam levantando até ficarem em pé, movimentando-se sem esbarrar ou bloquear o outro, mas circular, tentando sempre trocar de lugar ou passar para as costas do outro. Foram incluídas algumas sugestões como lento, rápido, dançado, nervoso, drible de futebol, harmonioso, oposição, conforme as atitudes corporais dos alunos. Em seguida, partimos para os jogos de improvisações com temas sugeridos pelas pibidianas. A turma foi dividida em três grupos, conforme os motes que seguem abaixo, o grupo deveria criar uma cena ou várias, que contemplassem essas situações, usando elementos como formas, tempo, espaços, pausas etc. Que foram ensinadas aos alunos anteriormente. Após o tempo para a criação, eles apresentaram ao grande grupo, que estavam sentados no sistema palco-plateia, tivemos a intenção de acostamá-los com essa educação do observar, do olhar, o outro e a si mesmo em uma relação de crítica construtiva. Diálogos reflexivos sempre acompanham o findar da aula. Temas sugeridos: 1) 3 imagens; 1 surpresa; 1 gargalhada; 1 abraço; 1 frase escolhida pelo grupo. 2) 3 imagens; 10 segundos olhando para o céu; choro compulsivo; traição; Uma ação uníssona entre os alunos. Até o



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

momento observamos que a turma está bem dividida, uns gostam mais dos exercícios de capoeira, geralmente os meninos, o que não deixamos se perpetuar, pois para o domínio público, a Capoeira é mais conhecida como luta, porém para os praticantes e curiosos sabemos que ela é uma mistura de ritual, dança, musicalidade, esporte e cultura afro-brasileira. As meninas preferem as atividades teatrais que envolvam as improvisações, pois julgam não precisar fazer esforço físico. O que elas ainda não se deram por conta é que nas improvisações também usam o corpo, portanto usam de esforço físico.

Na aula de 08 de agosto de 2017 os exercícios específicos da Capoeira: 1) Ginga (em duplas); 2) Aú Baixinho (ou estrelinha) no lugar trocando apenas as pernas de um lado para o outro com o uso do bastão); 3) Aú Baixinho II (tentando elevar mais as pernas); Aú III (em duplas um de frente para o outro, deverão atravessar a sala ou o espaço da quadra de esportes delimitado pelas professoras); 4) Em duplas nos círculos desenhados com giz no chão, os alunos fizeram improvisações com os movimentos dos animais: caranguejo, aranha, ambos com uma variação dos pés para cima, uma de cada vez; 5) Túnel, ainda dentro dos círculos as duplas fazem o túnel, um de cada vez, para o seu parceiro de jogo; 6) Teia de movimentos, ainda nos círculos, os alunos devem brincar com os movimentos aprendidos anteriormente, sem pensar no jogo, apenas movimentando o seu corpo em relação aos movimentos do colega; 7) Caminhando no espaço, agora os alunos devem usar todas as movimentações que aprenderam até o momento, movendo-se livremente para frente, para trás, para os lados e dando giros.

Propusemos também exercícios com Diagonais, que aprendemos na faculdade, enquanto treinamento do Ator. O grupo foi dividido em duas fileiras uma diagonal a outra. As professoras explicaram e demonstraram as ações que deveriam ser feitas nessadiagonal. Exemplo 1) pular e bater peito; 2) precipício; 3) pular rolo; 4) tapa na cara; 5) pular carniça. Exercício de improvisação com verbos: Dividiu-se a turma em A, B e C. Cada grupo pensaria em um verbo, como exemplo: Correr, abraçar, chorar, amar, compartilhar etc. Cada grupo apresentaria uma cena com movimentos, ações, voz, partituras enfim, livres para criação. A ideia é que cada grupo tente adivinhar qual o verbo que está sendo representado e observar sobre si mesmo o trabalho do ator/aluno. Diz-se trabalho sobre si mesmo porque o aluno/ator



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

precisa estar diretamente mobilizado, envolvido, atuando de fato, criando, realizando descobertas cujos destinos nem sempre serão a aplicação concreta.

Na aula de 15 de agosto de 2017 propusemos como aquecimento uma corrida moderada, 10 voltas na quadra de esportes da escola. Alongamentos dos membros superiores e inferiores. Exercícios específicos da Capoeira: 1) Paralela; 2) Cocorinha; 3) Balanço na paralela; 4) Esquiva na paralela; 5) Rolê individual; 6) Rolê em duplas; 7) Rolê em duplas caminhando na fileira em todo o espaço da sala ou na quadra de esportes com tamanho delimitado pelas professoras. 8) Roda: usar todos os movimentos aprendidos até o momento. Exercícios específicos de Teatro: Ainda trabalhando com temas: O jogo do Verbo foi solicitado novamente: Divide-se a turma em três grandes grupos. Cada grupo deveria escolher em comum acordo um “verbo” que deverá representar por meio de uma cena, imagens, dança, canções ou diálogos. A criatividade é livre, desde que demonstrem esse verbo por meio de ações cênicas. Os outros grupos devem tentar adivinhar que verbo cada grupo está representando. Na aula anterior havíamos solicitado o fluxo dos sonhos ou uma descrição detalhada das ações ou gestos de uma manhã, tarde, noite ou o dia inteiro, os alunos deveriam partir das mímicas. Os alunos deveriam entregar essa tarefa por escrito. Nesta aula, a partir da análise das pibidianas sobre suas escritas, escolhemos temas sobre os quais eles mesmos escreveram. Assim fizemos a divisão dos grupos, entregamos os temas e em conjunto eles criaram as cenas, sempre atentos aos ensinamentos que passamos em outras aulas. Foram colocados no chão alguns recortes de fotos de revistas onde aparecem cenas de espetáculos teatrais, e alguns papéis contendo palavras como morte, alegria, amor, ódio etc, os alunos já divididos em grupos deveriam observar essas imagens e palavras, após alguns minutos, um representante de cada grupo escolheu algumas imagens e palavras e levou para o seu grupo. A ideia era criar uma cena que tenha a ver com as imagens e palavras. O primeiro contato com os bastões: Cada dupla pegou um bastão, eles experimentaram primeiramente como manusear o bastão em duplas, para isso a dupla criou de cinco a dez movimentos segurando o bastão com uma das mãos, usando a imaginação, movendo-se para os lados, brincando com os níveis, saltando, rolando, em pé, usando do desequilíbrio quando



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

necessário. Segundo o encenador e criador da Escola Internacional de Antropologia Teatral Eugenio Barba:

Treinamento [...] não ensina a ser ator, a interpretar uma máscara [...] ou a interpretar um papel [...] não dá a sensação de conhecer algo, de adquirir habilidades [...] o treinamento é o encontro com a realidade que se escolheu: qualquer coisa que se faça, faça-a com todo o seu ser (BARBA, 1991, PP. 55-56).

Nesse projeto, as considerações em torno dos exercícios teatrais transformaram-se em pontes prodigiosas para reflexão em torno dos diversos elementos da capoeira e sua conexão com o aluno/ator. Um treinamento envolvendo estes componentes deve, no entanto, possibilitar ao aluno/ator um ir além do assimilado e dominar de fato o saber técnico – e não ser dominado por ele – e dessa maneira se constituir em benefício para os envolvidos nesta história: ator, capoeira, espectador e espetáculo. Após o primeiro contato com os bastões, as duplas apresentaram suas ações, agora chegava a hora de criar algo novo em grupos, uma cena pequena que envolvesse as criações de algum modo, com as imagens e palavras que foram apresentadas pela pibidiana Luciana. A criação era livre, mas os embasamentos que sempre estamos falando estavam presentes, como, por exemplo, o perceber o outro, trocar com o público se a cena requerer, se for falar usar de bom tom e articulado etc. A importância da presença do ator, do corpo em vida, *não é simplesmente seu corpo, mas seu 'corpo-em-vida'*, como diz Eugênio Barba. *Um 'corpo-em-vida' é um corpo em constante comunicação com os recantos mais escondidos, secretos, belos, demoníacos e líricos de nossa alma* (1995).

Algumas reflexões enquanto docente: Os alunos ainda resistem aos exercícios físicos, porque um dos motivos pode ser o uso abusivo da *internet*, celulares e *tabletes*. Essa geração não foi devidamente apresentada aos exercícios físicos para condicionarem seus corpos e mentes a uma vida saudável. Nada contra a *internet*, pelo contrário, é surpreendente que hoje podemos ir a qualquer lugar do mundo com apenas um toque na tela; em se tratando de informações a internet é bem-vinda. A questão corporal é que está em jogo no quesito sedentarismo. Alguns alunos ainda fazem caras e bocas, porém continuamos explicando que



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

não é só para o Teatro que o condicionamento físico bem trabalhado vai ajudá-los, é para a vida toda! Sempre estamos enfatizando que quando realizamos exercícios corporais é porque pretendemos prepará-los enquanto “*corpo*”, deixando-os disponíveis e prontos para o trabalho cênico. Convém esclarecer que com o termo “*corpo*”, neste caso, está sendo considerado tanto a parte física como a psíquica, ou seja, o ser humano em sua totalidade, com suas emoções, suas memórias, seus gestos, sua voz, seus pensamentos, as informações absorvidas durante sua vida, sem divisões ou fragmentações. Quando eu penso, meu corpo inteiro pensa, quando algo me afeta emocionalmente, todo o aparato físico reage como uma unidade, assim como um simples gesto, provoca uma afetação interna correspondente. Por esta razão, é conveniente dizer que penso com meu corpo todo. E com essas informações sempre estamos observando os alunos enquanto criadores. As cenas foram três ao total e foram pensadas e apresentadas ao grande grupo. De um grupo para o outro eu perguntava aos alunos ouvintes se todas as propostas ou solicitações que fazemos eram respeitadas na hora da criação das cenas. O diálogo é importante nesse momento. Todos davam a impressão de estarem envolvidos com seus grupos, de uma maneira ou outra, os jovens anseiam por serem importantes, por terem opiniões que sejam ouvidas e praticadas, e isso foi o que observamos nessa aula, os grupos dialogavam e juntos criaram suas cenas de uma maneira mágica!

Na aula de 22 de agosto de 2017 fomos para o pátio da Escola Álvaro de Moraes para nossa aula de Teatro/Capoeira. Como sempre, Sara fez os alongamentos iniciais e aquecimentos, na verdade essa parte sempre é com ela, porque já se apropriou das sequências dos exercícios preliminares com gosto! Após, Sara propôs o *Jogo do Objeto*, em que os alunos em roda e ao sinal, deveriam competir pelo bastão que estava no centro da roda. Foi um jogo que deixou a turma bem frenética. Descobrimos que eles adoram jogos de competição. Na sequência, Sara foi para o jogo do *Arremesso de bastão*: os alunos foram divididos primeiramente em três grandes grupos para que o jogo fosse mais seguro para todos. Porque trabalhamos com bastões, ou cabo de vassoura para aqueles que não conhecem como bastão. Nós chamamos assim “bastão”. E como se trata de um objeto de madeira e que pode em algum momento machucar, não que isso tenha acontecido, até porque sempre estamos enfatizando o cuidado que os alunos devem ter ao arremessar o bastão para o outro



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

colega. Somente arremessa quando a pessoa olha para você! O olhar é o primordial nesse jogo, em segundo vem a força no arremesso, e em terceiro a atenção dobrada que todos devem ter na roda! Sara explica aos alunos que para arremessar o bastão deve ter uma postura e que a mesma trabalha o impulso. Quando lança e quando recebe! Não adianta jogar de qualquer maneira, deve sempre jogar para o alto, e em direção a pessoa que escolher pelo olhar, e estar atento se a pessoa que recebeu o olhar corresponde ao seu olhar. É um jogo que trabalha o princípio da ação física. No livro de Luís Otávio Burnier, *A arte de Ator - Da técnica à representação* (2001, pg. 32), é lembrado como Decroux entendia a ação física: “A ação nasce da coluna vertebral”. Para ele, o tronco era a coluna vertebral, os braços, mãos e rosto eram vistos como terminações, prolongamentos do corpo. É nessa percepção que o jogo de bastão nos auxilia. Para que os alunos entendam na prática como é a ação física, nada melhor do que esse jogo! É claro que falamos sempre em ação física, em movimentos e gestos e que ambos tem suas diferenças e que demonstramos com exemplos, fazendo na prática. Porque muitas vezes o professor fala, e os alunos não escutam ou não compreendem.

Por isso sempre fizemos um exemplo e logo depois eles imitavam. Depois de nos deliciarmos com o jogo que também acabamos participando, fomos para os exercícios da

Capoeira, onde instruí aos alunos o movimento do *Aú* (ou Estrelinha, como é mais conhecida) e a *Cocorinha* (movimento da base para baixo em cócoras), que foram realizadas em Diagonais! Os alunos foram colocados em duas fileiras uma de frente para a outra. Em duplas cada uma deveria percorrer o espaço delimitado pelas professoras afim de que usassem o equilíbrio dinâmico em movimento de cabeça para baixo, próprio da capoeira. Quando chegassem até o ponto marcado deveriam retornar para o final da fila. E assim todas as duplas que viriam na sequência deveriam fazer o mesmo movimento. Quando a primeira dupla retornasse ao início deveria realizar o movimento de Cocorinha + Aú; A cocorinha é

quando o aluno desce e com o seu peso distribuído entre os dois pés, uma das mãos protegendo a cabeça e a outra mão dando apoio ao corpo, e logo em seguida termina com Aú. Novamente todas as duplas fizeram a sequência. Logo após solicitamos Sara e eu, que

os alunos, repartidos em três grandes grupos, pensassem sobre uma cena utilizando a improvisação e que deveriam constar os arremessos de bastões, o Aú e a Cocorinha.

Essas eram as condições que dávamos e os temas poderiam ser da criatividade dos



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

grupos. O tempo para essa atividade foi de cinco a dez minutos, dependendo de como os grupos resolvessem essa situação. O tempo limite foi excedido. Agora era hora de sentar e desfrutar da imaginação e criatividade da turma 801! Nas primeiras tarefas de criações coletivas nós percebemos que os alunos são facilmente condicionados, porque quando o professor coloca uma situação-problema em que os alunos devem desenvolver por suas próprias criações, eles tem certas dificuldades em realizar.

A criatividade é algo que deve ser prática a todo momento, se não for assim, acaba enferrujando. Porém nessa aula notamos que eles começaram a soltar-se mais, a ter confiançaem suas ideias, a deixar de lado seus medos e enfrentar o desconhecido, sem ter medo das críticas dos colegas, afinal todos estão aprendendo, inclusive nós como licenciadas.

Na aula de 29 de agosto de 2017, começamos com os aquecimentos e alongamentos semanais e após com o *Jogo da Máquina*: onde os alunos separados por grupos deveriam criar uma máquina com os próprios corpos. Nela deveriam conter gestos ou ações que lembrassem engrenagens, sons similares como uma máquina de uma fábrica qualquer. O tempo solicitado aos alunos foi de cinco minutos para pensarem, improvisarem em conjunto e após apresentarem ao grande grupo. Os alunos enquanto conversavam sobre como fazer essa máquina, davam muitas risadas, acreditamos que por causa da mudança na voz, pois teriam que imitar ou criar sons que lembrassem sons de máquinas e isso dava graça a eles. O resultado foi surpreendente pois os alunos usaram o que foi solicitado e mais além, usaram repetição das ações em ritmos diferentes como lento, rápido, frenético. Após esse exercício que gerou muita diversão, passamos para o exercício *Contador de histórias com mímicas*: novamente os grupos deveriam improvisar uma história, onde poderiam ter um ou mais narradores, e os outros deveriam fazer a mímica dessa história. Como sempre, enfatizamos a cena em forma circular, a troca com o público, e procurar fazer as ações, movimentos da capoeira e gestos que trabalhamos em aulas anteriores. Os dois grupos nos surpreenderam com suas criações. O primeiro grupo procurou fazer uma cena em que contavam sobre um padeiro que foi acusado de vender pães estragados e foi a júízo por isso, enquanto a aluna



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

fazia a narração em boa voz, diga-se de passagem, os outros alunos do grupo faziam as mímicas. O outro grupo usou de uma sátira de uma piada bem conhecida: o peti e repeti. E foram fazendo as mímicas enquanto o aluno contava a história que se repetia e a cada repetição os movimentos aceleravam. Foram bem interessantes as criações e nós percebemos que os adolescentes nessa fase demoram um pouquinho para se concentrarem, são falantes enquanto estão criando ou organizando a proposta, quando observamos parece uma bagunça infinita e logo pensamos: será que eles vão conseguir? E não é que eles nos surpreendem!

A escolha pela profissão em docência teatral sempre nos instigou a poder vivenciar esses acontecimentos citados ao longo desse resumo expandido, que por força maior nos impede de escrevermos além. Em poucas palavras podemos dizer: o que faz um ator é a sua necessidade, portanto, definir um ator é falar de suas necessidades. E a história do teatro mostra que as diferentes abordagens trazem diferentes necessidades. Todas elas imprimem a este ator, ao seu corpo por extensão, traços peculiares e uma identificação que, no geral, delimitam sua atuação. Um corpo trabalhado torna-se peculiar, apresenta saliências claras, provocadas pela sua prática. Mais do que o corpo do dia a dia. A técnica aqui apresentada, a capoeira, certamente atingirá este objetivo e pretende permitir ao aluno/ator vivenciar um comportamento metamórfico, que busque novos limites, quando estes ainda nem se esgotarem, flertar com tudo aquilo que possa lhe parecer um acréscimo, atuando como suporte e fonte de enriquecimento. Esta prática, portanto, potencializará as condições para conduzir o aluno/ator a um caminho de criação e envolvimento, para que possa ser criador, intérprete, ser pensante diante do mundo que o cerca. Ser professora é sem dúvida compartilhar vidas, é guardar segredos, é rir ou chorar com os alunos, com os colegas de profissão, com as merendeiras ou *as tias da limpeza*, como costumam dizer nas escolas. Porém, é mais que tudo isso também, quando pensamos nessa profissão, também pensamos em filosofia, em sociologia, em humanização, em esferas que talvez nem tenhamos conhecimento, realmente ser professora é filosofar sobre a vida e o que fazemos dela, sim porque quando você decide ser professora, você tem milhares de vidas que passam por suas mãos, durante muitos anos, você acaba conhecendo as pessoas, pelo jeito que são ou pelo jeito que querem ser, você acaba compreendendo uma sociedade, a criação ou a destruição



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

dela, você observa como as pessoas se comportam perante a vida, a morte, a saudade, a raiva e o amor, perante as leis ou regras que lhes são impostas, perante os problemas sociais pelos quais todos passamos, vê o preconceito trazido de casa ou fomentado na própria escola, ouve o que não quer, e fala o que não devia, aceita algumas regras e infringe outras pelo bem comum. Às vezes existem professores que são punidos ou maltratados por suas utopias, e outros são reverenciados por suas opressões. Ninguém sabe a verdade sobre a vida, o porquê estamos aqui e para onde vamos depois da morte, o que temos certeza é que enquanto estivermos aqui, vamos tentar entender qual é o nosso lugar no mundo. E nesse mundo tentar ser feliz e fazer os outros também felizes. A vida é algo extraordinário profissão docente pode ser uma opção desafiadora, então estamos no caminho certo.

Palavras-chave: Teatro. Capoeira. Pibid. Docência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBA, Eugenio, e **SAVARESE**, Nicola. **A Arte Secreta do Ator: dicionário de Antropologia Teatral**. São Paulo, Editora Hucitec, 1995.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 7ª Edição. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2005.

STANISLAVSKI, Kostantin. **A preparação do ator**. Tr. Pontes de Paula Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

CAPOEIRA, Nestor. **O Pequeno Manual do Jogador de Capoeira**. Rio de Janeiro: Ground, 1981.



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

CAPOEIRA, Nestor. **Galo já cantou: capoeira para iniciados**. Rio de Janeiro: Arte Hoje Editora, 1985.

PASTINHA, Mestre. **Capoeira Mestre Pastinha**. Fundação Cultural da Bahia. 3ª Edição. Salvador, 1988.

CAPOEIRA, Nestor. **Os Fundamentos da Malícia**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SISTEMA **VIEWPOINTS**. Disponível em: http://www.nupea.fafcs.ufu.br/pdf/9eraea/relatos_pesquisa/comunicacao_rp_av_camila.pdf. Acesso em 03 de setembro de 2017.

CARABAJAL, Luciana Baptista. Discente Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, Curso Teatro em Licenciatura. Cursa o 8º semestre. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS);